

CRISTIANISMO E FARISAÍSMO

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para a PIB de Nova Odessa

Falar de cristianismo e farisaísmo pode parecer algo sem sentido. Os dois movimentos não chegaram a ter relacionamentos. Quando o cristianismo rompeu com o judaísmo, deixando de ser a inexpressiva seita “Caminho”, perdeu a convivência com o farisaísmo. Mas faz sentido. São duas maneiras de entender a vida espiritual e de se relacionar com o sagrado. Há, hoje, muito de farisaísmo dentro do cristianismo. E o modo de ver o mundo como os fariseus viam está presente no entendimento de muitas pessoas. Desta maneira, o assunto tem sentido. Mas antes, alguns passos iniciais.

1. DEFININDO OS TERMOS

Precisamos definir os termos do que estamos falando. Por cristianismo falo da revelação trazida por Jesus, mais do que um agrupamento de preceitos religiosos e éticos. Falo daquilo que devemos ser, cristãos e do que devemos praticar, o cristianismo. É isto, mais que uma religião institucionalizada. É uma cosmovisão.

Estabelecemos algo: fariseu não é sinônimo de hipócrita ou de falso, como costumamos pensar. O forte discurso de Jesus, em Mateus 23, contra os fariseus nos condiciona a pensarmos assim. O fariseu não era hipócrita. Era profundamente sincero, cumpridor de seus deveres e levava sua religião a sério. O termo vem de *pharysaym*, “separados”. Como o uso que fazemos do termo “santos”, hoje. Ao falar de farisaísmo não falarei de hipocrisia, mas de religião institucionalizada, reduzida a fórmulas e ritos.

2. UM CHOQUE PRECEDENTE

Há um choque entre Jesus e os fariseus, nos evangelhos. Isto salta aos olhos. A leitura de Mateus 23 é mais do que suficiente para prova isto. Ali, inclusive, Jesus assinou sua sentença de morte. Sua palavra foi muito dura. Ofendeu a muita gente boa aos seus próprios olhos, e gente detentora de poder. Até mesmo uma leitura desatenta evidenciará este choque. Quando os pregadores agradam aos detentores do poder, a vida é um mar de rosas para eles. Quando desagrada, a situação fica conturbada.

Há um choque precedente e está no Antigo Testamento, entre o sacerdote e o profeta. Precisamos nos deter nele, um pouco, antes de considerarmos o choque cristianismo e farisaísmo. Isto porque, basicamente, ambos tratam da mesma questão, que é a maneira de ver a religião.

No início, a função sacerdotal era a de mediar o relacionamento entre Deus e o homem. A função do sacerdote acabou sendo pedida pelo próprio povo. Lemos em Êxodo 20.18-19: “Ora, todo o povo presenciava os trovões, e os relâmpagos, e o somido da buzina, e o monte a fumegar; e o povo, vendo isso, estremeceu e pôs-se de longe. E disseram a Moisés: Fala-nos tu mesmo, e ouviremos; mas não fale Deus conosco, para que não morramos”. Houve o reconhecimento da necessidade de uma pessoa que intermediasse a comunicação entre o divino e o humano. O povo teve medo de Deus e pediu que um homem que fosse o intermediário.

Esta intermediação tinha mão dupla, uma ascendente e outra descendente. Na mão ascendente, o sacerdote levaria os pedidos humanos a Deus. Era o seu papel de intercessor. Na mão descendente, o sacerdote traria a palavra de Deus aos homens. Era o seu papel de proclamador ou de ensinador. Foi assim no episódio em que o povo pediu que Moisés fosse o intermediador. Ele estava trazendo os dez mandamentos. A função do sacerdote era, também, a de ensinar a Palavra. No entanto, duas questões desviaram o sacerdote da função de ensinador da Palavra de Deus.

A *primeira* foi que ele se tornou, exclusivamente, o homem do culto, da liturgia, do ofício religioso dentro de um prédio. Deus escolheu o complexo simbolismo dos sacrifícios, que exigiam muita preparação, paramentação, arranjos, etc. O sacerdote se tornou o homem do templo, do culto e da liturgia e passou a viver em função disto. Basta ler Levítico para verificar que complexidade alcançou o sistema sacrificial. Uma questão decorrente daqui é que o símbolo se tornou mais valioso que a mensagem que pretendia transmitir. O símbolo é a linguagem sem palavras. Ele tem um impacto que muitas palavras não conseguem ter. No entanto, eles não são a coisa em si, mas apenas uma representação da coisa. Só que o sacerdote se tornou mais preso à representação do que à mensagem que ela transmitia. O hebraísmo, primeiro, e depois o judaísmo, desdobramento posterior do hebraísmo, se tornaram presas do culto e do ritual. Esdras faz uma reforma. Na realidade, é com Esdras que o judaísmo se torna uma religião normatizada por um livro. A reforma de Esdras é uma tentativa de recuperar o valor da palavra sobre o símbolo. Neemias 8 tem sido visto por alguns estudiosos como o nascimento do judaísmo. Vejam o texto de Neemias 8.1-6: “Então todo o povo se ajuntou como um só homem, na praça diante da porta das águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da lei de Moisés, que o Senhor tinha ordenado a Israel. E Esdras, o sacerdote, trouxe a lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres, e de todos os que podiam ouvir com entendimento, no primeiro dia do sétimo mês. E leu nela diante da praça que está fronteira à porta das águas, desde a alva até o meio-dia, na presença dos homens e das mulheres, e dos que podiam entender; e os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da lei. Esdras, o escriba, ficava em pé sobre um estrado de madeira, que fizeram para esse fim e estavam em pé junto a ele, à sua direita, Matitias, Sema, Ananías, Urias, Hilquias e Maaséias; e à sua esquerda, Pedaiás, Misael, Malquias, Hasum, Hasbadana, Zacarias e Mesulão. E Esdras abriu o livro à vista de todo o povo (pois estava acima de todo o povo); e, abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé. Então Esdras bendisse ao Senhor, o grande Deus; e todo povo, levantando as mãos, respondeu: Amém! amém! E, inclinando-se, adoraram ao Senhor, com os rostos em terra”. Esdras consegue um avivamento pela Palavra. A Torá voltou a ser ensinada ao povo. Esta era a função do sacerdote. Ele devia ensinar a palavra de Deus aos homens. Deveria ser o homem da Torá

A reforma de Esdras não vingou. Não deixou um modelo. Mais tarde, o rito prevaleceu sobre a Palavra, mais uma vez. Seu esforço, o de Esdras, foi dissolvido. Os homens do rito venceram. O problema não é o rito. O rito pode ser bom e transmitir vida. O problema é o superdimensionamento do rito. Ele não substitui a Palavra de Deus. A forma, porque o rito era uma forma de expressar as grandes verdades de Deus, não pode se sobrepor ao conteúdo.

Quando Jeroboão dividiu o reino unido de Israel em dois, Israel no norte e Judá, no sul, ficou com um problema religioso nas mãos. O templo ficou em Judá, mais precisamente em Jerusalém. Ali ficou a Torá. Jeroboão logo fez dois bezerros de ouro. Lemos em 1Reis 12.26-30: “Disse Jeroboão no seu coração: Agora tornará o reino para a casa de Davi. Se este povo subir para fazer sacrifícios na casa do Senhor, em Jerusalém, o seu coração se tornará para o seu senhor, Roboão, rei de Judá; e, matando-me, voltarão para Roboão, rei de Judá. Pelo que o rei, tendo tomado conselho, fez dois bezerros de ouro, e disse ao povo: Basta de subires a Jerusalém; eis aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito. E pôs um em Betel, e o outro em Dã. Ora, isto se tornou em pecado; pois que o povo ia até Dã para adorar o ídolo”. Assim Israel, o norte, se envolveu com a idolatria. Mas a mentalidade de Jeroboão é explicativa: já que não temos a Palavra, tenhamos rito. Isto é bastante revelador. As chamadas “escolas de profetas” surgiram no Norte, em Israel, onde não havia o templo. Este, com a arca onde havia as tábuas com os dez mandamentos, ficou no Sul. Houve uma tentativa de formar profetas para substituir a ausência da Torá.

Vejamos a segunda questão. O sacerdote se corrompeu. Vendeu-se ao poder político. Quase que uma decorrência da anterior. Ele não vivia de relacionamento com Deus, mas vivia como

guarda de símbolos, que podem ser coisas sem vida. Mais tarde, Amazias, sacerdote a serviço não de Deus, mas de Jeroboão (o Jeroboão II) tem um problema com Amós. Lemos em Amós 7.10-12: “Então Amazias, o sacerdote de Betel, mandou dizer a Jeroboão, rei de Israel: Amós tem conspirado contra ti no meio da casa de Israel; a terra não poderá suportar todas as suas palavras. Pois assim diz Amós: Jeroboão morrerá à espada, e Israel certamente será levado cativo para fora da sua terra. Depois Amazias disse a Amós: Vai-te, ó vidente, fuge para a terra de Judá, e ali come o pão, e ali profetiza”. Aqui, o choque entre o sacerdote e o profeta se torna bem agudo. É o mais trágico nesta história não é a expulsão de Amós por um sacerdote vendido. É a forma com que Amazias tratou a Amós: “vai-te, ó vidente”. O termo não era depreciativo. O termo hebraico é *hozeh*, que está ligado ao verbo “ver”. Um sentido mais literal seria “clarividente”. Amazias entendia que Amós via as palavras de Deus (e via mesmo, como lemos em 7.1, 8.1. e 9.1), mas mesmo assim foi rebelde a elas. Ele era o homem do rito. É impressionante que Amazias soubesse que Amós tinha este tipo de relacionamento especial com Deus, a ponto de “ver” suas palavras, e se opusesse a ele. É possível uma pessoa se tornar tão endurecida que venha a agir assim.

Isto é uma advertência muito séria para nós. Podemos valorizar tanto o rito e o culto que eles se tornam nossa maior preocupação. O momento de louvor se torna mais importante que o ouvir a Palavra. Aliás, muita gente ligada ao louvor nem Bíblia leva para a igreja e acompanha o sermão com indisfarçável enfado. Ouvir Deus é mais importante do que falar a Deus. Porque ele sabe o que pensamos sem que haja palavras em nossa boca. Mas nem sempre queremos ouvi-lo e aí ficamos sem saber como agir. Mas, em síntese, o choque entre o profeta e o sacerdote é o choque entre a religião institucionalizada, tornada matéria de ritos e a serviço de uma classe, e a Palavra viva de um Deus vivo. É o choque entre o homem que vê seus interesses pessoais e o homem que procura servir a Deus.

Uma outra questão pode ser vista aqui. Quando a religião se envolve com o poder político, perde sua autenticidade. Protestantes alemães saudaram a subida de Hitler ao poder. O Vaticano abençoou Mussolini na sua guerra contra Abissínia. Frei Betto, guru da esquerda brasileira, justificou o fuzilamento de dissidentes em Cuba. O poder político usa a religião como quer, e depois se descarta dela. Nunca nos esqueçamos que devemos ter consciência política, mas que não podemos colocar nossa fé a reboque de qualquer sistema político. Todos eles são arranjos humanos, frágeis e mutáveis.

3. O FARISEU

Os fariseus surgiram como dissidência dos *hasydhim*, isto é “leais a Deus”, grupo que nasceu com os ideais de Esdras. Os *hasydhim* foram homens cuja primeira preocupação era dominar o texto bíblico e depois ministrar seu ensino em cada detalhe. Cronologicamente eles surgem no segundo século a. C. . como uma divisão do grupo originou os fariseus. Foi uma reação contra o sumo-sacerdócio, que os fariseus achavam ilegítimo. Também protestavam contra o abandono de certas tradições. Esperavam uma intervenção súbita do reino de Deus. Enfatizavam muito a Palavra de Deus e o seu ensino aos homens. Em João 1.24 vemos que eles enviaram mensageiros ao Batista para saber se ele era o Messias. Eles esperavam o Messias. Curioso: teologicamente Jesus estava perto dos fariseus. Apoiava-se nas Escrituras do Antigo Testamento, era ele mesmo a intervenção de Deus neste mundo e não estava muito apaixonado pelo sacerdotalismo judaico de sua época.

A parábola do fariseu e do publicano nos dá um retrato de deste tipo de homem. A lei mandava jejuar uma vez por ano. Ele jejuava duas vezes na semana. Não se misturava com os gentios. Orava três vezes ao dia. Até do produto que recebia calculava o dízimo e o entregava. Era o guardião da pureza doutrinária. Poderíamos dizer, em linguagem de hoje, um “batista do papo amarelo”.

Geralmente os escribas saíam da classe dos fariseus. Esdras era escriba e enfatizava a Lei. A relação entre fariseus e Escrituras era muito grande. Copiavam as Escrituras, reverenciavam-na, sabiam quantas letras havia em cada livro. Viviam para aquilo. Eram o partido dominante no sinédrio, de modo que sua força política era a dominante na nação. Eram arrogantes, espiritualmente falando. Chamavam os demais de *'am ha eretz*, “o povo da terra”, o povo comum. No fim, conseguiram o que queriam. No segundo século d.C. o judaísmo era farisaico. Não havia mais templo para efetuar sacrifícios e a Torá se sobrepôs sobre tudo. Na realidade, o judaísmo tradicional de hoje é farisaico. Já disse que o fariseu não era hipócrita. Levava sua fé a sério. Ele era o homem mais sério do judaísmo. O mais rigoroso, detalhista, tradicionalista e, como consequência, impiedoso no trato com as pessoas. Quando se colocam os princípios e os detalhes acima de gente, logo se torna impiedoso.

4. O CHOQUE ENTRE JESUS E OS FARISEUS

No início, os fariseus tentaram se aproximar de Jesus. O episódio de Nicodemos mostra isto. Observe que Nicodemos começa o diálogo, em João 3, na primeira pessoa do plural: “nós”. Alguns presumem que ele foi um enviado pelos fariseus. Uma tentativa de aproximação. Segundo a tradição, ele era um dos três homens mais ricos de Israel e, segundo João, um dos maiores dos fariseus. À luz disto, podemos perguntar: como foi que sucedeu o choque entre Jesus e os fariseus? Alguns aspectos serão mostrados aqui e devemos prestar atenção eles. Não suceda conosco de os vermos como coisa do passado. Pensemos se não é um choque em que estamos envolvidos.

O primeiro ponto de atrito se deu na concepção do sábado. Os fariseus diziam, explicitamente, que “Deus fizera o mundo para que houvesse sábado”. Jesus violou o sábado, repetidas vezes. Lemos em João 5. 18: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus”. A mesma situação se verifica em Marcos 3.1-6: “Outra vez entrou numa sinagoga, e estava ali um homem que tinha uma das mãos atrofiada. E observavam-no para ver se no sábado curaria o homem, a fim de o acusarem. E disse Jesus ao homem que tinha a mão atrofiada: Levanta-te e vem para o meio. Então lhes perguntou: É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida ou matar? Eles, porém, se calaram. E olhando em redor para eles com indignação, condoendo-se da dureza dos seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão. Ele estendeu, e lhe foi restabelecida. E os fariseus, saindo dali, entraram logo em conselho com os herodianos contra ele, para o matarem”. O que para eles era ortodoxia, para Jesus era dureza de coração. Há uma lição aqui para nós: as pessoas valem mais que princípios. Devemos guardar princípios e amar pessoas. Jesus não morreu por princípios, mas para salvar pecadores. Morreu por pessoas. Devemos ser zelosos por doutrina, mas não a ponto de odiar quem pensa de maneira diferente nem idolatrá-las.

O segundo ponto de atrito se deu na concepção do templo. Para eles, o templo era o centro do mundo. Para eles Jerusalém era o “umbigo” do mundo. Isto, por causa do templo. A admiração dos discípulos ao verem ao templo era uma manifestação típica da influência farisaica. O episódio da purificação do templo efetuada por Jesus é muito profunda. Prestemos atenção no relato de João 2.13-21: “Estando próxima a páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. E achou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e também os cambistas ali sentados; e tendo feito um azorrague de cordas, lançou todos fora do templo, bem como as ovelhas e os bois; e espalhou o dinheiro dos cambistas, e virou-lhes as mesas; e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. Lembraram-se então os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me devorará. Protestaram, pois, os judeus, perguntando-lhe: Que sinal de autoridade nos mostras, uma vez que fazes isto? Respondeu-lhes Jesus: Derribai este santuário, e em três dias o levantarei. Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do santuário do seu corpo”. O centro do mundo para Jesus, não era um prédio. Era ele. “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a

mim”, lemos em João 12.12. Ele sabia que sua pessoa seria, para sempre, o centro do mundo. O umbigo do mundo é Jesus e não Jerusalém.

O terceiro ponto de atrito foi a maneira de ver as pessoas. Como disse, os fariseus, depreciavam as pessoas comuns, a quem chamavam de ‘*am ha eretz*. Lemos em João 7.49: “Esta multidão que não sabe a Lei é maldita”. Viam a multidão com nojo. Jesus a via com compaixão. Várias vezes se compadeceu dela. Ele as via como ovelhas sem pastor, pessoas desgarradas e carentes. Lemos em Mateus 14.14: “E, Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e possuindo de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos”. Este era seu sentimento. Isto também nos adverte. Como vemos os pecadores? Com nojo? Como adversários? Os fariseus eram os homens do livro, mas não eram os homens das pessoas. Quem lida com realidades religiosas pode se encantar com verdades teológicas e esquecer as pessoas. Nós, os pastores, somos muito sujeitos a isto. Passamos a viver num mundo de conceitos e esquecemos de gente. A grande crítica que eles faziam a Jesus era que comia e bebia com pecadores. Eles eram santos. Como imaginamos santidade? Como uma espécie de arianismo espiritual ou como uma compreensão de que nosso caráter santo é mais necessário no mundo, para ser um referencial?

O quarto ponto de atrito foi a maneira de ver Israel. Para os fariseus, deveria ser a nação superiora às demais, dominadora do mundo. Quando o Messias viesse, ela seria colocada como senhora. Vinha-lhes à mente o texto de Deuteronômio 28.13: “E o SENHOR te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do SENHOR teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir”. Para eles, o mundo seria julgado e submetido a Israel, como nação dominadora. Eis a dura palavra de Jesus em Mateus 21.43: “Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos”. A reação foi imediata: “E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas palavras, entenderam que falava deles; E, pretendendo prendê-lo, receram o povo, porquanto o tinham por profeta”. Jesus tinha perfeita consciência de que o fim de Israel estava chegando. Seu choro sobre Jerusalém é prova disto. O verbo grego empregado para designar seu choro ao ver a cidade que o rejeitaria dá a idéia de choro convulsivo, com soluços. Deve ter doído muito para ele, como judeu, saber que seu povo, sua cidade amada e sua nação seriam destruídos. Mas ao mesmo tempo ele sabia que estava gerando um outro povo, que não passará, a Igreja. Israel o rejeitou. Não quis sua companhia. Mas ele oferece sua companhia, para todo o sempre, ao seu novo povo. Não entendo tantos cristãos entusiasmados com Israel, e esquecidos de que o maior fenômeno da história é a Igreja de Jesus. Ela é o que há de mais fantástico, em todos os tempos. Ela foi idealizada pelo Pai, na eternidade, como lemos em Efésios 1.4. Entrou na história, com espantoso poder, na pessoa do Filho, como vemos nos evangelhos. E se mantém mais viva do que nunca, na história, pelo poder do Espírito. Falamos da família, que nasceu no Éden. A Igreja nasceu na eternidade. No céu não haverá família. Mas haverá Igreja. Ela foi idealizada a eternidade, construída no tempo, e voltará à eternidade. Porque ela repousa sobre Jesus.

Assim chegamos ao *quinto ponto de atrito*. É a própria pessoa de Jesus. Para eles, os fariseus, ele tinha demônio. Lemos em Mateus 12.24: “Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios”. Jesus tinha consciência de sua missão. Sabia ser o Redentor, sabia que a cruz o esperava, sabia de sua ressurreição. Para os fariseus isto era um absurdo. Queriam matá-lo porque ele se dizia filho de Deus. Voltemos ao texto de João 5. 18: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus”. Na realidade, isto era o cerne de tudo. Jesus não foi uma figura patética, desorientada, sem rumo, e que tentou dar um golpe político e se deu mal. Tampouco foi tomando consciência gradativa de sua missão. Sabia quem era e o que devia fazer. E fez bem.

5. OS DOIS CHOQUES – UM RESUMO, OU EM BUSCA DE SUA ESSÊNCIA

Os dois choques aqui mostrados, entre profeta e sacerdote e entre Jesus e os fariseus, têm a mesma essência. Mostram-nos o perigo de reduzir a religião a ritos, liturgia e símbolos. É vida, fundamentalmente vida. É relacionamento correto com deus e, em consequência, relacionamento correto com Deus. Eis o diálogo de Jesus com um doutor da Lei, talvez um fariseu: “E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”. Toda a parafernália teológica do Antigo Testamento, Jesus sintetizou em duas linhas. A vertical, o relacionamento com Deus. A horizontal, o relacionamento com os homens. Jesus tirou a religião da via institucional e a colocou na via relacional. Religião são relações corretas. Com Deus e com o homem. A mesma mensagem dos profetas do Antigo Testamento, clamando contra a institucionalização da religião.

CONCLUSÃO – UMA ADVERTÊNCIA PARA NÓS

Para nós uma grande advertência. Podemos ser pessoas sinceras e levar nossa fé a sério, mas agirmos como fariseus. Mais preocupados com forma e rito, com aparência, do que com conteúdo e essência. Podemos nos apegar a conceitos e esquecer as pessoas. Podemos amar o prédio e não aquele para quem o prédio existe. Podemos amar muitas coisas, preocuparmo-nos com muitas coisas, e esquecermos de Jesus. O cristianismo tem doutrinas, mas não é uma doutrina. É uma pessoa, Jesus. O cristianismo se pratica também em prédio, mas não se processa em prédios. Processa-se e acontece no nosso relacionamento com Jesus, que afeta nosso relacionamento com o mundo.

Que a paixão maior de nossa vida e o centro de nossa fé sejam a pessoa de Jesus.